ESTADO DE MATO GROSSO

SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSO

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

UMA ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DE DOIS PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO

ÉRICA GAJARDONI

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
REGISTRO 10242
DATA 08/06/04

PONTES E LACERDA, Junho de 2003

Turma- 2003/1

ESTADO DE MATO GROSSO

SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSO

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

UMA ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DE DOIS PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO

Ensaio Monográfico apresentado à UNEMAT/Campus Universitário de Pontes e Lacerda como requisito final para a obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profª Ms. Teresa Pazos da Silva

Pontes e Lacerda, junho de 2003

Dedico

Aos meus pais, Edmon Gajardoni e Cleusa Elena F. Gajardoni que, no decorrer da minha vida escolar, apoiaram-me tanto moralmente como financeiramente e incentivaram-me para estudar cada vez mais.

Ao Julliano de Queiroz Nunes, meu esposo, por ter suportado as minhas reclamações, no decorrer da graduação.

E aos meus sobrinhos, Karen Aline G. Araújo, Diego G. Araújo e Giovanna G. Godoi, que são meu estímulo para a conclusão da graduação, assim poderei auxiliá-los intelectualmente e financeiramente em seus estudos.

Agradeço

A Deus, por iluminar meus caminhos no decorrer de minha vida e permitir-me que realizasse esse sonho de graduar-me.

Aos meus pais, Edmon e Cleusa, que foram enérgicos nos momentos certos em minha vida e principalmente ofereceram possibilidades de estudo que contribuíram em minha graduação.

Aos meus colegas parceiros na busca dos objetivos. É com muita satisfação e alegria que digo orgulhosamente que estudamos e aprendemos juntos.

Aos meus eternos amigos, Karleny, Luciana, Claudinéia, Marta, Maria das Graças, Santigo, Jesus, que contribuíram com meu crescimento intelectual, oferecendo companheirismo, respeito e toda minha admiração.

À minha orientadora, Profª Tereza Pazos da Silva, a qual tive o prazer de conhecê-la no VI semestre, na disciplina de Didática, passando a admirá-la como pessoa e pelo belíssimo trabalho como educadora. Sou eterna admiradora do seu respeito para com os outros e seu profissionalismo.

À minha Profª. Cleunice Maria de Andrade, por ser em primeiro lugar minha amiga, depois minha querida professora , que sempre auxiliou-me nas situações difíceis no decorrer do curso..

Aos docentes que de uma forma , ou outra passaram por mim, alguns deixaram saudades e outros tristeza, mas todos me fizeram refletir. A eles muito obrigada.

À UNEMAT, por existir e permitir que eu atingisse meu objetivo, meu sonho.

O professor de natação não pode ensinar o aluno a nadar na areia fazendo-o imitar seus gestos, mas leva-o a lançar-se na água em sua companhia para que aprenda a nadar lutando contra as ondas, fazendo seu corpo coexistir com o corpo ondulante que o acolhe e repele, revelando que o diálogo do aluno não se trava com seu professor de natação, mas com a água. O diálogo do aluno é com o pensamento, com a cultura corporificada nas obras e nas práticas sociais e transmitidas pela linguagem e pelos gestos do professor, simples mediador.

(Marilena Chauí)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....6

CAPÍTULO I – Quadro Teórico: A Educação no Brasil: dos Jesuítas até nossos Dias.....9

CAPÍTULO II – Refletindo o Trabalho do Professor.....39

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....49

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....51

INTRODUÇÃO

A escolha do tema do presente trabalho provém das aulas de didática ministradas no VI semestre, onde refletimos sobre a metodologia de ensino, ou seja, a prática pedagógica efetivada em nossas escolas e refletimos também acerca do aluno que queremos formar.

Essas reflexões instigaram-me a pesquisa sobre a prática pedagógica de professores em escolas da rede pública de ensino, sendo dois professores escolhidos por causa de suas práticas pedagógicas serem diferenciadas, o professor A, sua prática é extremamente tradicional, a aula é centrada no professor e na transmissão dos conteúdos, o docente é reconhecido como o mestre detentor do saber e um modelo a ser seguido. Esta prática é semelhante a dos jesuítas, com critérios rigorosos como punir os alunos que desobedecer, reprime o discente chamando sua atenção na frente dos demais. Sua aula é meramente um repasse de informações acumuladas como exercícios mecânicos que servem para alienar ainda mais o aluno, consequentemente ele não conseguirá estabelecer relações com sua vivência e nem mesmo sabe o porquê de estudar estes conteúdos.

Já o professor B procura não cometer esse equívoco, trabalha seu conteúdo relacionado-o com os acontecimentos presentes na vida dos discentes, como

produzir textos a partir de fatos como sua cidade, seu bairro, ou seja, envolve a realidade e a matéria em estudo, isso estimula o interesse do aluno.

Iniciamos esta pesquisa com leituras prévias, estudamos as diversas tendências pedagógicas, elaboramos as questões norteadoras para coleta de dados, a pesquisa de campo foi dividida em duas etapas. Primeiro, entrevistei e logo após observei durante dez dias a atuação, a prática pedagógica de um professor mais tradicional e outro mais inovador, em que estão inseridos na rede estadual, objetivando o enriquecimento da análise deste ensaio monográfico.

O presente trabalho tem como suporte teórico autores como: FREIRE, SAVIANI, LIBÂNEO, ARANHA, entre outros.

O mesmo está dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo contextualizamos a educação desde guando era institucionalizada e portanto informal ate quando passou a ser comandada pela igreja. Temos aqui o período jesuítico constituído de disciplinas rígidas ministradas por padres, que tinham a intenção de moldar o sujeito. Conforme os mandamentos da igreja católica para que o mesmo seguisse por toda sua vida com a ruptura da monarquia e o aparecimento do capitalismo, o governo destinou a educação como dever do Estado em se consolidou até nossos dias. Assim surgiu a profissão docente que precisou de uma formação, em que mencionamos requisitos para essa qualificação docente. Relatamos também sobre as várias tendências e teorias da educação como: Escola Tradicional, escola Nova, Tendência Tecnicista, Teorias Crítico-Reprodutivistas entre outros.

No segundo capítulo fizemos uma análise da prática pedagógica de dois professores, sendo um professor com uma prática mais tradicional e outro com métodos mais inovadores.

Objetivamos através desta pesquisa saber como o professor conduz seu trabalho; qual o melhor caminho para se conduzir a atuação docente e para alcançar a aprendizagem do discente.

CAPÍTULO I – QUADRO TEÓRICO: A EDUCAÇÃO NO BRASIL: DOS JESUÍTAS ATÉ NOSSOS DIAS

Na população primitiva a educação não era institucionalizada e nem intencional. Com a separação das classes sociais foram surgindo várias formas de educação que continuaram sem ser institucionalizadas.

Na Idade Média com uma educação mais organizada, o objetivo era preparar o indivíduo para a salvação. Somente no início da Idade Moderna devido as mudanças comerciais e à eminência do capitalismo surge então a escola em que estamos inseridos, que de início era direcionada pela igreja e logo após passou para o Estado sem que uma eliminasse a outra. Sobre essa perspectiva (SILVA, 2001) menciona:

> Paralelamente a este quadro há ainda o confronto Reforma x Contra Reforma, confronto este que vai consolidar a necessidade da escola ficando a igreja responsável pela educação tanto no âmbito da formação geral do indivíduo quanto escolarização (...) Posteriormente esta tutela vai para o Estado e atualmente há uma tendência à automatização. Contudo estas esferas de influência à escola coexistem.(p. 25)

Por essa perspectiva, embora se eliminasse a formação dogmática é retirado dos padres o poder de atuar como docente e, esta tarefa é transferida para

pessoas de fora de Igreja, que SILVA chama de "Professores leigos". Nesse mesmo sentido (NÓVOA, 1991) relata que: "o processo de estatização do ensino é antes de tudo a substituição de um corpo docente religiosos (...) por um corpo laico".(p.119)

Estes professores, talvez por não terem tido uma formação em que se conciliassem prática e teoria ficaram desorientados e acabaram de certa forma a assemelhar seu trabalho à prática educacional que os padres adotavam.

Com o Estado assumindo a educação, surge a profissão docente e, junto com ela a necessidade de qualificar e formar professores para o ingresso na atividade docente.

A escola foi criada com a idéia de atender às necessidades emergentes do sistema capitalista. Na Idade Média a escola era voltada ao ensino da leitura e da escrita e, esse privilégio era somente para a burguesia e, também catequizar os índios. A partir da reforma de Pombal, houve uma mudança, a escola deixa de estar a serviço da Igreja católica para serviço do estado e da burguesia. Com a implantação de indústrias, o comércio se intensificou e havia uma necessidade de mão-de-obra qualificada e, a escola surge com essa intenção de preparar o indivíduo para o trabalho.

Segundo a concepção de autores como SAVIANI, VEIGA, GADOTTI dentre outros, a escola serve para moldar o indivíduo atendendo assim às exigências sociais e econômicas condicionando-o em sua vivência, (SILVA, 2001) diz que: "... a escola é vista por estes autores como veículo a serviço do Estado e/ou das classes dominantes. Sua função é então a de reprodução das relações sociais vigentes".(p. 28)

De modo geral a humanidade, por muitas décadas, utilizou a educação como um saber meramente espontâneo ou intuitivo, a educação de um modo geral não teve uma intencionalidade; não se fazia uma leitura mais profunda da escola, tão pouco se tinha uma teoria para embasar-se.

Agíamos e continuamos agindo pelo senso comum, pelo misticismo e pelo dogmatismo, não conciliamos prática e teoria. Este modo de conceber a educação se aplica em grande medida à prática pedagógica desenvolvida em nossa escola, que está muitas vezes pautada no senso comum e não em teorias. Isso contribui para que a escola separe teoria e prática e haja de acordo somente com a prática.

Não percebíamos antes e ainda não percebemos a necessidade de uma relação harmoniosa entre ambas, para que se possa conduzir o ato educativo e a educação institucionalizada.

Sobre este aspecto (ARANHA, 1996) diz:

> A necessidade de tornar a prática da educação intencional e mais eficaz traz consigo a exigência de maior rigor conceitual, de sistematização dos conhecimentos, de definição dos fins a serem atingidos e da escolha dos meios a serem utilizados...(p. 110)

A autora remete-nos à idéia de que prática e teoria completam-se, contribuindo qualitativamente na prática docente. Mas, devemos frisar, que a compreensão das teorias estudadas que trazem pressupostos teóricos que condicionam a ação é de grande valia para que não hajam equívocos na utilização das teorias. A referida autora relata que: "É comum observarmos o 'espontaneísmo', resultado da indevida dicotomia entre teoria e prática, gerada porque o professor não foi adequadamente informado a respeito da teoria ou porque não sabe como integrá-la à prática efetiva". (ARANHA, 1996, p. 12)

Ao nosso ver, desde a formação docente, devem ser inseridos aspectos teóricos. (ARANHA,1996, p.152) nos sugere que observemos os seguintes aspectos:

- qualificação
- formação pedagógica
- formação ética e política

Conforme nos diz a autora supracitada:

> O professor é um profissional e, como tal, além de uma boa formação, deve buscar garantir condições mínimas para um trabalho decente; condições materiais adequados, reuniões pedagógicas, reciclagem para atuação permanente, plano de carreira, além de salários mais dignos.(p. 77)

No primeiro aspecto 'qualificação' o docente deve escolher a área específica para atuar e procurar interagir com os conhecimentos científicos, podendo efetuar com segurança a mediação entre conhecimento dos alunos e o conteúdo a ser ministrado. Vale ressaltar que o conhecimento está em constante mutação, fator que nos exigirá um estudo contínuo sobre ele, nos aperfeiçoando, qualificando através de leituras, sempre revendo e procurando novos conhecimentos. Assim o processo de aprendizagem do conhecimento nunca estará completo e, a todo momento estamos enriquecendo-o com experiências ao longo de nossas vidas. (DELORS, 1998) nos diz:

> Hoje em dia, ninguém pode pensar adquirir, na juventude, uma bagagem inicial de conhecimentos que lhe baste para toda a vida, porque a evolução rápida do mundo exige uma atualização contínua dos saberes, mesmo que a educação inicial dos jovens tender a prolongar-se.(p. 103)

A educação deveria ter como pressuposto orientar, preparar o indivíduo para esse mundo mutável de maneira sólida e eficiente, não é necessário o acúmulo de informações e sim o "saber" explorado e atualizado.

Segundo (DELORS, 1998)

> O aumento dos saberes, que permite compreender melhor o ambiente sob os seus diversos aspectos favorece o despertar da curiosidade intelectual, estimula o sentido crítico e permite compreender o real, mediante a aquisição de autonomia na capacidade de discernir.(p. 91)

Contudo, para aprender a conhecer segundo DELORS deve-se exercitar a atenção, a memória e o pensamento, principalmente na sociedade dominada pelas imagens por conceitos prontos. Não podemos facilitar por demais a aprendizagem da criança, detendo sua capacidade de memorização, pois assim faremos com que a mesma se acomode, assim se prejudicará o processo de descoberta do indivíduo. Para DELORS o exercício tradicional é de grande valia para a prática de memorização e deve ser iniciada desde a infância. Desse modo podemos ensinar regras gramaticais, para exercitar a memória dos discentes, contrariando assim grande parte dos teóricos da atualidade que se posicionam contrários a qualquer exercício de memorização.

Alguns lingüistas diriam que não devemos ensinar gramática, tendo em vista que toda regra gramatical tem exceções. Porém pensamos que a compreensão das regras facilitará no entendimento das exceções. Tomemos como exemplo acentuação ortográfica, ela tem suas exceções, mas se o discente conhecer as regras, a maioria das dúvidas serão solucionadas. Temos que ter cautela com a idéia de que na escola não se pode trabalhar com métodos mais tradicionais, pois eles são de grande valia para a compreensão da matéria em

estudo. O que vemos hoje são alunos que não conseguem escrever de acordo com a norma padrão. Isso nos mostra que a modificação da prática escolar não está atendendo às necessidades da comunidade, tendo em vista que é o papel da escola, dentre outras coisas, trabalhar com a norma padrão.

No segundo aspecto "Formação Pedagógica" o professor tem que ultrapassar o senso comum, sistematizando sua atividade.

O professor no desenvolvimento de sua prática docente faz a intermediação entre o aluno, as concepções de conhecimento, concepções estas que estão estreitamente ligadas às concepções de mundo do próprio professor. Isto se reflete na formação do aluno. Sobre esse assunto (LUCKESI, 1994) nos diz que: "o educando assimila também as metodologias e as visões de mundo que o perpassam". (p.127)

Os discentes, em suas relações com a família, igreja, comunidade e etc... adquirem conhecimentos que serão trazidos para a escola e o professor irá estabelecer um diálogo entre os saberes acumulados, e sistematizados e os saberes do senso comum. Este diálogo irá contribuir para que nem uma e nem outra forma de saber prevaleça. Assim surgirá um outro saber mais sistematizado, científico e refletido.

A formação do professor se dá de várias maneiras, não somente a acadêmica, mas também o diálogo é um espaço de formação e, para que haja diálogo o professor deve ser crítico, sobre isto (DAMKE, 1995)diz que "o diálogo se define como a essência do processo do conhecimento".(p. 77)

Contudo, o professor deve conscientizar-se que, poderão surgir várias opiniões sobre como direcionar sua prática docente: Ele deve procurar embasar

sua prática em uma teoria cujo entendimento sobre a mesma lhe possibilite aplicá-la na educação.

Na formação docente deve ser instigada a criticidade, para que se superem as ingenuidades e conquistem a insubmissão e para alcançarmos esses objetivos temos que aguçar a curiosidade dos discentes que se tornarão docentes. Neste sentido temos que voltar a atenção sobre a reflexão crítica sobre a prática, pensando sempre na prática de ontem e hoje para melhorarmos a de amanhã. (FREIRE, 1996) nos diz sobre a formação docente:

> Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e do outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhações. Conhecer não é, de fato, adivinhar, mas tem algo que ver, de vez em quando, com adivinhar, com intuir. O importante, não resta dúvida, é não pararmos satisfeitos ao nível das intuições, mas submetê-las à análise metodicamente rigorosa de nossa curiosidade espistemológica. .(p.51)

Ainda, segundo FREIRE, outro fator importante da prática educativo-crítica é a relação do educando com seus colegas e professores, que ensaiam a possível experiência de assumir-se. Assumir-se porque somos seres sociais-históricos, porque pensamos, falamos, sonhamos e temos a possibilidade de transformar, de mudar, basta queremos.

O importante na formação docente não é a transmissão de conhecimentos reproduzidos, e sim o entendimento do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser "educado" vai gerando a coragem.

Isso reforça-nos a idéia de que o docente tem que ter na formação a clareza de que "ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a

sua própria produção ou a sua construção" (FREIRE, 1996, p. 52). Então, devemos estar atentos às mudanças, às evoluções e aos acontecimentos para podermos dialogar, provocar debates, perguntas, indagações em nossa prática docente.

No terceiro aspecto "Formação ética e política" o docente deve conscientizar os discentes e prepará-los para um mundo melhor.

O docente consciente de sua prática deve ensinar aos seus discentes um aprendizado em que os alunos sejam capazes de recriar ou refazer o ensinado, ou seja, um ensino em que envolva tanto a teoria quanto a realidade vivenciada pelo aluno. Do que adianta o aluno dizer que leu trinta livros se não conseguiu entender a mensagem de pelo menos um, ou relacioná-la com acontecimentos em seu país, em sua cidade e até mesmo em seu bairro.

O educador deve despertar no educando a rebeldia de não aceitar as decisões de situações que não estejam, na sua opinião, corretas, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de pensar, de decidir, de posicionar-se, de não ter medo de possíveis conseqüências e sim lutar por um ideal, lembrando sempre que os seres humanos têm a capacidade de ir além do que está condicionado. Sobre isto (FREIRE, 1996) nos diz: "... é a força criadora do aprender de que fazem parte a comparação, a repetição, a constatação, a dúvida rebelde, a curiosidade não facilmente satisfeita, que recupera os efeitos negativos do falso ensinar..."(p. 28)

O ato educacional é possível, basta a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, curiosos, humildes e persistentes, com esses pressupostos os discentes vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado e também sujeitos do processo.

Segundo (FREIRE, 1996) "O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão".(p. 28)

O docente, conscientizado de seu dever, proporcionará aos discentes, que são os referenciais, e promoverão a possível mudança, almejada por todos os seres, que é um mundo mais humanitário para todos.

FREIRE sugere que os docentes ensinem aos discentes a pensar "certo". E este pensar "certo" coloca o professor e a escola a respeitar os conhecimentos pré-construídos na prática comunitária, ou seja, respeitar os saberes dos educandos e, não tratá-los como um caderno com as folhas em branco. Sobre isso (FREIRE, 1996) nos diz que: "o respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola".(p. 71)

O aluno ao vir para a escola não vem vazio, ele traz dentro dele uma enormidade de saberes que precisam ser trabalhados e, a partir de seus saberes e dos saberes que lhe serão acrescentados, ele poderá refletir sobre os saberes que são próprios e, atingirá uma compreensão profunda do mundo e uma interpretação plena dos fatos, trabalhando assim a formação plena do sujeito. (FREIRE, 1996) fala que: "...transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo; seu caráter formador".(p. 37)

O professor deve colocar o aluno para pensar sobre sua presença no mundo. Se seu papel é o de adaptar-se ou de inserir-se nele questionando-o.

O dever do docente é orientar e conscientizar, cobrando de seus alunos posicionamentos perante situações, para que não seja apenas objetos mas sujeitos socio-culturais.

É importante lembrar o discente e fazê-lo compreender que sua situação concreta não "é destino certo ou vontade de Deus", algo que não pode ser mudado. O docente deve estar acompanhando os possíveis momentos situacionais e levando até a sala de aula para discussão e esclarecimentos de dúvidas existentes entre os discentes. Isto significa que quando for ano de eleições, por exemplo, é necessário que hajam diálogos, conversas, que o professor oriente seus alunos a analisar as propostas, que assistam ao horários políticos para entender os planos de governo e não votar porque é o candidato mais cotado ou mais bonito do momento.

O papel do docente é de conscientizar sem impor ou ofender. Este processo é de suma importância na vida escolar do ser humano que de certa forma, passará a enxergar o mundo por uma outra ótica, isto por que é papel da escola proporcionar a possibilidade de transformar a sociedade onde vivemos e isto só é possível se nossos alunos puderem rever os valores que carregam.

Infelizmente a sociedade em que nós estamos inseridos, é munida de normas e regras. Sociedade esta que busca no sistema educacional uma maneira de moldar o indivíduo. Sobre isso (SAVIANI, 2000) diz que "... a função da educação é interagir o indivíduo à sociedade. Condicionando-o neste sistema social que é impregnado de fazeres "certos" e "errados."(p. 31)

A partir do momento em que a criança não é mais vista como um adulto miniaturizado, sua vida escolar é iniciada muito cedo, até mesmo para que não seja, mais tarde, banida da sociedade ou até mesmo, reconhecida como ignorante.

Assim as crianças deixam seus lares, o seio de sua família para ir à instituição escolar, encontrar com um "educador" (que a sociedade pensa) que irá

prepará-lo para o anseio social que é diferente em diferentes grupos sociais. (LIBÂNEO, 1993) nos diz que:

> A prática escolar (...) tem atrás de si condicionantes sociopolíticos que configuram diferentes concepções de homem e de sociedade e, consequentemente, diferentes pressupostos sobre o papel da escola, aprendizagem, relações professor-aluno, técnicas pedagógicas etc.(p. 19)

Esta instituição escolar sofre fortes influências de períodos que se refletem em teorias educacionais como: a escola tradicional, a escola nova, a tendência tecnicista, teorias antiautoritárias, teorias crítico-reprodutivistas, teorias construtivistas e teorias progressistas.

Na nossa trajetória educacional passamos por essas diferentes maneiras de conceber a escola, maneiras estas que sempre estiveram relacionadas aos interesses que a sociedade tem sobre ela, as teorias nos mostram como a escola vai se adequando para atender às exigências da sociedade. Diferentes autores como: SAVIANI, LIBÂNEO, ARANHA, entre outros, vão nos mostrando como a educação vem se conduzindo ao longo dos anos no Brasil e quais tem sido suas finalidades.

No início do século XX a atenção da burguesia estava voltada para a criança e a família, tendo em mente que a criança é um ser frágil e necessita de proteção. É quando a criança começa a conquistar seu espaço social. A escola por sua vez também começa a ser valorizada, buscando-se uma educação sólida e voltada para o passado. Naquele período exigia-se que a disciplina fosse semelhante a escola jesuítica.

De acordo com as necessidades foram ampliando a rede escolar, porque todos os trabalhadores precisavam saber ler, escrever e contar, tendo em vista a intensificação da indústria que exigia mão-de-obra qualificada.

A escola tradicional tem sido muito criticada. Algumas dessas críticas devemos às descobertas científicas nas áreas da psicologia, biologia e ciências humanas, que contribuíram para uma nova maneira de ensinar dando atenção individual aos alunos, que, na escola tradicional não era importante. (ARANHA, 1996) relatam-nos referindo-se à escola tradicional:

> Quanto à metodologia, é valorizada a aula expositiva, centrada no professor, com destaque para situações em sala de aula nas quais são feitas exercícios de fixação, como leituras repetidas e cópias. Submetidos a horários e currículos rígidos, os alunos são considerados um bloco único e homogêneo, não havendo qualquer preocupação com as diferenças individuais. (p.77)

O ensino da escola tradicional é centralizado no professor e na transmissão do conhecimento. Contrariando essa idéia (FREIRE, 1996) afirma que o professor deve saber que "ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar a possibilidade para a sua própria produção ou sua construção".(p. 57)

O professor na perspectiva tradicional é considerado o único a ter sabedoria e autoridade e detém todas as virtudes necessárias a serem seguidas. Isto se reflete na inércia do aluno que é reconhecido como receptor de informações acumuladas e ao enfatizar os conteúdos exageram na valorização do passado sobre isso (ARANHA, 1996) tem a seguinte opinião: "o exagero desses aspectos leva a um distanciamento com relação à vida e aos problemas e aos problemas cotidianos e atuais". (p. 77)

Os educadores tradicionais não permitem que o aluno pense, elabore, não deixam o aluno crescer criativamente e criticamente e sim o condicionam.

> ... Superestimando a memória e a capacidade de restituir o que foi assimilado. As provas assumem um papel central entre instrumentos de avaliação chegando a determinar o comportamento do aluno, sempre preocupado em estudar o que será avaliado, não em estudar para saber... (p.62)

Nesse processo o professor não se preocupa em construir personalidades, em estimular o aluno, despertar a criticidade, em ensinar partindo da realidade vivenciada, simplesmente transmite conhecimentos para que o aluno assimile e repita suas idéias formuladas. Esses educadores faziam com que o ensino se tornasse "artificial" como nomeia ARANHA, sem esquecer de mencionar, o péssimo método de estímulo pela competição entre os alunos.

A educação tradicional era vista como proteção das crianças, que eram sujeitas a um sistema paternalista, autoritário e dogmático, visando conseguir a submissão do aluno, em que o mesmo era repreendido por castigos corporais para que conseguissem almejada submissão.

Com o passar do tempo aconteceram várias mudanças sociais, políticas e econômicas. Houve uma preocupação voltada para o presente e futuro. A partir de então, o homem passa a ser preparado para acompanhar essas mudanças. (ARANHA, 1996) coloca que "... para tanto precisa aprender a aprender, indo além da fixação de conteúdos predeterminados".(p. 82).Ainda em meio à escola tradicional surgiu a inovação por meio de métodos e técnicas que também enfatizaram os processos para o conhecimento ao invés do produto. A escola nova emergiu apresentando novos rumos à educação, que estava defasada para o momento, uma vez que não valorizava a pedagogia da essência e sim a pedagogia

da existência. Na fase sócio-econômica do Brasil não era interessante a submissão do homem e nem um sistema tradicional.

O importante então era a pedagogia da existência que se preocupava com o indivíduo e sua problemática, tirando-o do meio da massa. A criança não é mais vista como um "adulto miniaturizado" e sim de "natureza infantil" como relata Maria Lúcia.

Na escola nova o processo é centralizado no aluno, valorizando o psicológico do mesmo. O sistema é organizado de acordo com os interesses infantis, há a preocupação por parte do professor de despertar a curiosidade, a atenção do aluno sendo o professor um facilitador da aprendizagem, fazendo com que o aluno aprenda através das próprias experiências, tendo em vista que o objeto da aprendizagem (conteúdo) deve ser "compreendido e não decorado". Segundo (ARANHA, 1996) a avaliação nessa concepção "é compreendida como um processo válido para o próprio aluno, não para o professor. Por isso, representa apenas uma das etapas de aprendizagem, não o seu centro."(p. 168) As avaliações não são enganadoras e passam a contribuir para a aprendizagem. Deixam também as competições e inserem a cooperação e a solidariedade no processo ensino-aprendizagem.

Outro ponto a ser discutido diz respeito às normas e regras que são maleáveis neste período, (ARANHA, 1996) nos fala que: "O afrouxamento das normas rígidas tem por objetivo estimular a responsabilidade e a capacidade crítica e estabelecer a disciplina voluntária"...(p. 168). Este afrouxamento constrói no aluno o senso de respeito perante às exigências.

Já na década de 60, a educação foi influenciada pelo pensamento de que a escola deveria ser baseada na estrutura econômica e seguir o modelo empresarial. Surgem então inspiração tecnicista.

Essa tendência trouxe sérias conseqüências à educação e a mais notável foi a separação dos setores planejamento e execução do trabalho. Segundo (ARANHA, 1996) "O objetivo de uma escola estruturada a partir do modelo empresarial é adequar a educação às exigências da sociedade industrial e tecnológica".(p. 178)

A sociedade do período estava exigindo do indivíduo mão-de-obra qualificada para os setores industriais. A preocupação era com a transmissão de conteúdos objetivos. Pensavam em um indivíduo pronto para o trabalho com saber científico, que a mutação decorrente da tecnologia necessitava. A autora supra citada complementa dizendo que:

> O conteúdo a ser transmitido se baseia em informações objetivas que proporcionem mais tarde a adequação, a adaptação do indivíduo ao trabalho. É nítida a preocupação com a apropriação do saber científico, exigido pela moderna tecnologia.(p.180)

A ênfase da tendência tecnicista é instruir o indivíduo e estimular "mudanças" de comportamentos, buscando a competência do discente.

Os discentes são avaliados continuamente. Levando em conta a responsabilidade perante as propostas.

As maneiras de ensinar estão em contato com filmes, máquinas, computadores entre outros. Segundo (ARANHA, 1996) "... O professor transmite um conhecimento técnico e objetivo".(p. 176) Isso gera uma ausência de debates, discussões e provoca o afastamento de relações afetivas entre professor e aluno.

Já nas teorias antiautoritárias a relação professor/aluno é semelhante à da escola renovada, a educação é centrada no aluno. O professor é reconhecido como um "facilitador" da aprendizagem do discente, no entanto existem diferenças entre as propostas e predomina a não-diretividade, na qual o docente não direcional, mas cria as condições de atuação da criança e evitam qualquer hierarquia favorável ao exercício do poder.

O conteúdo não pode ser dogmático, não expressa verdades e nem mesmo é resultado de exposição do professor e, é de interesse dos alunos, ou seja, está ligado à experiência de vida do discente.

Sobre a metodologia é baseada na "autogestão", não resulta de requisitos preestabelecidos. Há uma discrepância entre a metodologia tradicional e as teorias antiautoritárias.

No ensino tradicional existe um distanciamento entre o que o professor ensina do que o aluno aprende, já nas teorias antiautoritárias o importante é a aprendizagem autoiniciada e autoconsumada.

Nesta perspectiva, segundo (ARANHA, 1996) quanto à avaliação: "prefere-se a auto-avaliação da aprendizagem da autocrítica e da responsabilidade. Com isso são descartados também os procedimentos burocráticos, abominados pelos libertários como sendo instrumento do poder."(p. 182)

Os profissionais da educação nesta forma de conceber o ensino não consideravam exames, qualificações e notas, eram conscientes de que não havia necessidade de "tomar a lição" e, que era melhor o processo de auto-avaliação

A disciplina nesta perspectiva é coerente com tudo que já foi discorrido até agora, é resultante da autonomia e jamais é imposta, não usa o método de castigos e nada de premiações para estimular competições.

Já na teoria crítico-reprodutivista, a escola é vista pelas pessoas com um instrumento de equalização, ou seja, escutamos diariamente que: "quem quer melhorar de vida tem que estudar", sobretudo se pertencer à classe menos favorecida. Essa é uma maneira de tornar iguais as oportunidades para os indivíduos pertencentes a diferentes classes sociais.

Tendo em vista essas teorias critíco-reprodutivistas, alguns teóricos da educação, diziam que a escola estava encarregada de desfazer as injustiças sociais, tornando-se peça fundamental para o progresso e democratização e, para isso necessitava somente de indivíduos dispostos realmente a estuda. Mas essa idéia não se concretizou, porque a evasão e os índices de repetência comprovam que a tão sonhada equalização não se consolidou. Mais tarde apareceram teóricos franceses que classificavam essa idéia ingênua demais, e chegaram à conclusão que a escola ao invés de democratizar, reproduziu as diferenças sociais, tornando-se uma instituição altamente discriminadora e repressiva.

Os autores franceses Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, criticavam a instituição escolar e também eram representantes de uma tendência fecunda de análise, que a escola a partir dos condicionantes sociais.

Os referidos autores criticavam os que viam a ação pedagógica como não-violenta, indicando que sobre a aparência de neutralidade, a instituição escolar não deixa transparecer uma verdadeira "violência simbólica".

Sobre violência simbólica (ARANHA, 1996) nos diz que "é exercida pelo poder de imposição das idéias transmitidas por meio da comunicação cultural, da doutrinação política e religiosa, das práticas esportivas, da educação escolar."(p. 188)

Através da violência simbólica as pessoas agem e pensam de uma determinada maneira que é imposta. Segundo ARANHA de acordo com os autores a escola constitui um instrumento de violência simbólica, porque reproduz privilégios já existentes na sociedade, favorecendo assim a classe alta da sociedade. O acesso á escola está ligado àqueles que pertencem a famílias de classe dominante.

Outro fator importante é o "habitus" que a escola confirma e reforça, o "habitus" de cada classe social. O "habitus" primeiro é passado pela família e logo após pela escola, assim as crianças receberão na escola seus "habitus" semelhantes aos da família.

O discente de classe alta ao ingressar na escola é bem recebido por estar de acordo com as exigências escolares, que podem ser: o ato de ler, discutir e o domínio da fala culta. Esse aluno não sente diferenças entre os ambientes familiar e escolar. Já o discente de classe menos favorecida pertence a outra realidade, os "habitus" de seus familiares são diferentes dos da escola, o falar é considerado vulgar, apresenta o sotaque e expressa-se de maneiras diferentes. É normal que esse aluno fique desambientado pela descontinuidade dos ambientes.

Autores reprodutivistas discordavam das explicações que as desigualdades em relação ao sucesso escolar são resultantes de "desigualdades naturais". Por essa ótica o sucesso dos bons alunos se deve a qualidades inerentes, como aptidões, talentos entre outros.

Para os reprodutivistas a justificativa acima é uma forma de mistificação e mascaramento das causas do insucesso escolar.

(SAVIANI, 1996) menciona que: "... a teoria não deixa margem a dúvidas. A função da educação é a de reprodução das desigualdades sociais. Pela

reprodução cultural, ela contribui especificamente para a reprodução social."(p. 31)

Outra teoria e´ a escola enquanto aparelho ideológico de Estado. Para ALTHUSSER, filósofo francês precursor desta teoria, a função da escola não existe de forma isolada, mas inserida na sociedade capitalista.

ALTHUSSER, concordando com o pensamento marxista, concebe que toda produção precisa assegurar a reprodução de suas condições materiais. Para uma empresa consolidar sua produção, necessita de outras pequenas empresas que fornecem materiais que contribuem para a atuação dessa empresa maior. A reprodução qualificada da força de trabalho ocorreria segundo (ALTHUSSER, 1985) "através do sistema escolar capitalista e de outras instâncias e instituições." (p. 31)

Partindo dessa idéia a escola tanto ensina um saber prático para qualificação do trabalho, quanto reproduz a ideologia dominante.

ALTHUSSER distingue os Aparelhos Repressivos de Estado dos Aparelhos Ideológicos . Os aparelhos repressivos, segundo o autor, são: O governo, a administração, o exército, a política, os tribunais e as prisões.

Tais aparelhos utilizam-se da violência para obter seus objetivos, o cidadão que não cumpre as lei é submetido à coerção, só que nem todos são punidos da mesma forma, porque a classe dominante é quem comanda, subentende-se então que tende a um favorecimento a essa classe.

Já os Aparelhos Ideológicos de Estado são: AIE religioso, OAIE escolar, OAIE familiar, OAIE jurídico, OAIE político, OAIE sindical, OAIE da informação (imprensa, rádio e televisão), OAIE cultural (Letras, Belas Artes).

O referido autor complementa dizendo que:

> A distinção entre ambos assenta-se no fato de que o Aparelho Repressivo de Estado funciona massivamente pela violência e secundariamente pela ideologia enquanto que, inversamente, os aparelhos ideológicos de Estado funcionam massivamente pela ideologia e secundariamente pela repressão. (ALTHUSSER , 1985, p. 31)

Vale ressaltar que nesta perspectiva a escola é o instrumento de reprodução das relações de produção do tipo capitalista. Nesta teoria, a escola não é lugar de equalização social, é um mecanismo constituído pela burguesia para garantir seus interesses.

Um fator em que Bourdieu e Passeron diferem de Althusser é que Althusser "não nega a luta de classes" e afirma que "os AIEs podem ser não só o alvo, mas também o local de classes e por vezes de formas renhidas da luta de classes."

Outra teoria importante é a da escola dualista que foi elaborada por Chistian Baudelot e Roger Establet. A teoria teve esse nome pois nela os autores mostram que a escola aparentemente "unitária e unificadora", divide-se em duas, como a sociedade capitalista, em duas classes: a burguesia e o proletariado.

Os autores Baudelot e Establet retomam Althusser com o conceito de aparelho ideológico e criticam Bordieu e Passeron pelo fato de não reforçar as condições reais entre as classes dominantes e dominada. Segundo (ARANHA, 1996) "...trata-se não apenas de duas escolas diferentes, mas opostas, heterogêneas, antagônicas". (p. 92) Nesta forma de pensar a educação, a escola divide-se em secundária superior e primária profissional, divisão esta que decorre da divisão das classes sociais em burguesia e proletariado.

A primária profissional prepara o discente para a ação profissional, ou seja, é nas séries finais do primário que são inseridas aulas práticas. Já a secundária superior conduz ao bacharelado.

Os filhos do proletariado, geralmente, não atinge atingiam o estudo secundário superior, atendo-se somente na primária profissional. Apenas os filhos da burguesia conseguia chegar ao estudo do bacharelado. Assim a escola reproduz as divisões sociais.

(SAVIANI, 1994) nos diz que: "a escola é, pois, um aparelho ideológico, isto é, o aspecto dialógico é dominante e comanda o funcionamento do aparelho escolar em seu conjunto."(p. 37)

Outras teorias de grande valia para educação são as construtivistas, em que há um esforço na busca de soluções para complexidade do processo de aprendizagem. Seus principais precursores baseiam-se nos estudos de psicologia e medicina e, através de pesquisas com crianças, tentam compreender o processo educativo.

Segundo (ARANHA, 1996) "nessas teorias prevalece a orientação antropológica histórico-social, pela qual o ser humano se faz pela interação social, isto é, pelas relações com outros homens e pela sua ação sobre o mundo."(p. 202)

Os representantes desta corrente desenvolveram uma concepção interacionista ou construtivista de conhecimento. Superam tanto o inatismo, no qual o sujeito seria o pólo do processo do conhecimento, quanto o empirismo, no qual o sujeito seria passivo.

Segundo os construtivistas, o conhecimento não é inato e nem transmitido, o sujeito não é somente o dono do conhecimento, e este nem acontece somente

através do objeto, mas necessita da interação entre ambos. O sujeito obtém o conhecimento ao longo de sua vivência que segundo (SILVA, 2001)

> ... nos dá o acúmulo do conhecimento, mas pelo pensamento refletimos e construímos novos conhecimentos. É pelo pensamento que a construção do conhecimento se dá e o pensamento jamais está dissociado do homem que o pensou (p.31)

A educação e os processos de formação contribuem para o enriquecimento desse conhecimento. Isso nos leva a pensar que o conhecimento está em contínua e inacabada construção e deve ser envolvido com invenções e descobertas, assim valorizando as duas formas de conhecimentos o científico e o do senso comum, então o professor deve fazer a mediação entre estas formas de saber, dialogando sobre esses conhecimentos para que nenhum se sobressaia e sim caminhem juntos.

Um dos pesquisadores dessa teoria é Jean Piaget, realizou diversos estudos com crianças, estudos estes que levou á elaboração da psicologia genética que estuda o desenvolvimento cognitivo que Piaget dividiu em três estágios:

- sensório motor (de 0 a 2 anos)
- intuitivo ou simbólico (de 2 a 7 anos)
- hipotético-dedutivo (a partir da adolescência)

A passagem de um estágio para outro, para Piaget, acontece por mecanismos de organização e adaptação. As mudanças mais significantes estão na passagem de um estágio para o outro, quando é desfeito o equilíbrio instável, buscando assim nova equilibração. Isso se reflete no desenvolvimento da inteligência, da afetividade e da consciência moral.

O entendimento do docente, desse processo, ajuda saber em que estágio o aluno tem predisposição para assimilar informações, acomodando-a em novas formas de organização do conhecimento.

A teoria de Piaget influencia, no Brasil, as tendências escolanovistas. Partindo dos estudos de Piaget, a pedagoga Emília Ferreiro enriqueceu seus estudos na área da lingüística, trabalhando para compreender como a criança realiza a construção da linguagem escrita. Os resultados têm modificado as técnicas de alfabetização.

A preocupação de FERREIRO era com a superação das dificuldades enfrentadas pelas crianças com problemas de aprendizagem.

A alfabetização acontece "de fora para dentro", tratando a criança como um ser que nada sabe. Os educadores, muitas vezes, colocam a culpa do fracasso educacional na insuficiência dos discentes, ora na ineficácia dos métodos, ora no material teórico inadequado.

Segundo FERREIRO ao investigar a psicogênese da escrita, a criança "reinventa" a escrita, então docente precisa estar atento ao que a criança já sabe e, também, seus rabiscos podem significar uma interpretação pessoal. Segundo (ARANHA, 1996) "...Percebe-se aí o caráter não empirista dessa teoria, que acentua o papel do sujeito no processo de alfabetização. Cabe ao professor a função de observar e interpretar as intervenções da criança para com ela interagir". (p. 204)

Retomando a teoria crítico-reprodutivista, lembramo-nos que nela seus teóricos partem do pressuposto de que na década de setenta a escola nova perde o entusiasmo, não conseguindo cumprir com as promessas de democratização pela

educação entre as camadas populares, então destacavam a ideologia da educação como reprodutora das desigualdades sociais.

Primeiramente essa crítica se aparentava esmorecida, mas só com a aceitação da mesma apareceram caminhos para a escola e, após a revolução social, surgem então as chamadas teorias progressistas. As teorias progressistas surgem neste momento, como a busca desses caminhos partindo de uma nova concepção de educação. Uma das preocupações entre os representantes da pedagogia progressista é a relação entre educação e transformação social.

O intuito da pedagogia progressista se faz na idéia de tornar a escola o local de socialização do conhecimento elaborado, dando possibilidades para que as camadas populares tenham acesso à educação e ao saber atual.

Segundo (ARANHA,1996) "...se em última análise o objetivo da educação é o desenvolvimento do ser humano total integral, bem como sua emancipação, a realidade efetiva é outra."(p. 211)

O direito do saber tem sido negado às camadas menos favorecidas, em que se comprova pelos altos índices de exclusão, evasão, repetência e, também pelo que ARANHA chama de "dualismo escolar", que á a distinção que a escola faz. Para os ricos é oferecida a formação intelectual direcionando-o para o ensino superior e aos pobres é oferecido a escola profissionalizante, não valorizando a teoria que pode facilitar a compreensão da prática.

Essa teoria progressista tem como conseqüência política a ruptura entre trabalho intelectual e manual, ou seja, entre teoria e prática e de acordo com (ARANHA, 1996) "a educação progressista quer formar o homem pelo e para o trabalho."(p. 212)

Partindo dessa idéia se tornaria possível conciliar na educação o saber institucionalizado com o saber vivido, valorizando a prática social global.

Existem escolas que concebem o trabalho como uma forma para que o aluno mostre seu talento em marcenaria, hortas e oficinas de artes, só que predomina a atividade intelectual. Diferentemente das escolas profissionalizantes incumbidas de formar mão-de-obra qualificada e, entendem a atividade de trabalho como aquisição de técnicas.

As concepções da pedagogia progressista são as de trabalho, não como execução mecânica de tarefas, mas como forma de pensar o mundo socialmente. Sobre isso (ARANHA, 1996) completa dizendo: "... o trabalho constitui a atividade essencial da formação humana [pelo] trabalho, o homem transforma a natureza e a si mesmo."(p. 210)

Na visão da pedagogia progressista deve-se integrar o trabalho como "atividade existencial humana". Segundo (ARANHA, 1996) "O objetivo não é primordialmente a preparação da mão-de-obra qualificada, mas a compreensão, pelo aluno, do processo do fazer utilizado nas técnicas atuais".(p.212)

Não devemos tratar o saber como abstrato, mas voltado á compreensão das práticas sociais nas quais estamos inseridos.

O saber que a classe trabalhadora necessita é o saber existente e clareador sobre o mundo social, ou seja, a educação para o povo não pode ser superficial, mas deve instigar a criticidade a respeito das práticas sociais. Assim, aderindo a essa idéia, teríamos oportunidades iguais para o acesso ao saber acumulado pela tradição.

Os teóricos progressistas não aceitam a escola como solução dos problemas sociais e, lutavam por uma escola mais crítica, sobre isto (MELLO, 1994) menciona:

> Nesse sentido, seria na sua eficiência em conseguir garantira ás camadas populares a aquisição de conhecimentos que favoreçam, sua inserção na dinâmica mais geral de mudança que a escola cumpriria a parte que lhe cabe nessa mudança. Em termos muito simples, seria ensinando — e bem — a ler, escrever, calcular, falar e transmitindo conhecimentos básicos do mundo físico social que a educação escolar poderia ser útil às camadas populares.(p. 77)

A partir dessas reflexões, podemos retornar ao início do texto e entender a importância da formação do professor e de sua conscientização para conceber a educação como prática social transformadora

É preciso mover-se com clareza, conhecer as dimensões desta prática pedagógica voltada para o social para assim tornar-se mais seguro seu desempenho. O docente deve pensar que a capacidade de aprender não acontece somente para adaptar-se, mas para transformar a realidade, intervindo nela e recriando-a. Os educadores devem entender que embora a memorização do objetivo tenha seu papel não é aprendizado, porque o discente limita-se a receber a transferência de informações acumuladas sobre o objeto, deixando de desenvolver a criticidade, deixando de ser um sujeito epistemologicamente curioso, que não participa da construção do conhecimento. Não devemos limitar a transferir conhecimentos porque isso se refletirá na passividade dos discentes. Devemos ao contrário instigar a curiosidade, a criticidade, o pensamento, buscar a curiosidade, a criticidade, o pensamento, buscar respostas aos "porquês" da vida do aluno mediado com os conhecimentos científicos. Assim na prática educativa os sujeitos aprendem ensinando e ensinam aprendendo.

O professor deve ser humilde e respeitar seus alunos enquanto sujeitos-sócio-históricos, sua prática não pode ser neutra, seu papel é de comparar, de escolher, de romper, de decidir e estimular nos educandos esses direitos que também são seus. Na prática docente é importante os posicionamentos perante situações, assumir duas convicções, ter disponibilidade para o saber, reconhecer quando o erro for seu, desenvolver seu trabalho com amor e disposição para enfrentar desafios, assumir suas limitações e estar dispostos a superá-las em respeito aos alunos. Outro fator importante é trabalhar relacionando alegria, prazer pela profissão com a esperança para que tanto o docente quanto o discente possam juntos aprender, ensinar, inquietar-se, produzir e, buscar soluções aos problemas que surgirem.

O professor que realmente é um educador, no decorrer de sua profissão não teme a novidade, indigna-se com injustiças, luta contra discriminação e impunidade. conquiste sua decência e deve ter consciência que somos capazes de interferir, de mudar a realidade. Conforme nos diz (FREIRE, 2002) " não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminhos para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade". (p. 56)

Ainda de acordo com o autor citado devemos programar nossa ação político-pedagógica a partir da constatação de que "mudar é difícil mas é possível". Não importa quem são os sujeitos (adulto ou criança), se trabalharmos com alfabetização, ou outras áreas como saúde, o que devemos fazer é que os grupos populares percebam, sendo críticos, a violência e as injustiças que os rodeiam ajudando assim a modificar esta situação.

O professor deve saber que a curiosidade é um estímulo para a busca de conhecimentos, existindo assim um interação entre aprender e ensinar, só que não podemos esquecer a forma correta de curiosidade que reside é na intenção de aprimorar os conhecimentos. Este é um direito e temos que lutar por ele. (FREIRE, 2002) diz que " a construção ou a produção de conhecimento do objeto implica no exercício da curiosidade, sua capacidade crítica de "tomar distância" do objeto, de observá-lo, de delimitá-lo, de cindi-lo, de 'cercar' objeto ou fazer sua aproximação metódica, sua capacidade de comparar, de perguntar." (p. 96)

O educador e seus educandos devem desenvolver novas posturas que são como diz FREIRE "dialógicas", envolvendo a curiosidade indagadora. Outro fator importante é que o professor e alunos se assumam "epistemologicamente curiosos".

A aula do professor educador, sendo explicativa deve envolver a atenção dos alunos surgindo assim questionamentos, posicionamentos, opiniões próprias, esses alunos no contato com essa maneira de educar tendem a crescer intelectualmente. O professor tem que atentar-se não somente para o conteúdo ensinado, mas também para qual a maneira de ensinar sem distanciar-se da realidade vivida. O docente deve trazer para a sala de aula problemas, como por exemplo, os governamentais para que os alunos diluam suas dúvidas e em uma visão crítica, cobrem dos governantes devidas providências.

O docente em sua prática edcuativo-crítica deve pensar que a educação é uma forma de intervenção no mundo, intervenção esta que através dos conhecimentos dos conteúdos a serem ministrados de uma forma inadequada pode reafirmar a reprodução da ideologia dominante. Ao contrário, se trabalharmos de forma adequada podemos desmascarar essa ideologia social.

O professor em sua tarefa político-pedagógica deve ser consciente que não irá mudar o mundo, mas a pequena parte que conseguir modificações é de grande valia, (FREIRE, 2002) dá destaque:

> O (a) professor(a) democrático(a), coerente, competente, que testemunha seu gosto de vida, sua esperança no mundo melhor, que atesta sua capacidade de luta, seu respeito às diferenças, sabe cada vez mais o valor que tem para a modificação da realidade, a maneira consistente com que vive sua esperança no mundo, de que sua experiência na escola é apenas um momento, mas um momento importante que precisa de ser autenticamente vivido. (p. 127)

Assim o papel do professor ao ensinar, não é de descrever o conteúdo para que o aluno fixe e, sim ao falar com clareza do objeto, deve incitar o aluno com os materiais oferecidos, a produzir a compreensão do objeto, do pensar autêntico ao invés de entregá-lo pronto, no sentido de doação, de entrega do saber. Isso nos remete à idéia de que o docente seja companheiro dos educandos em suas relações com estes.

Podemos dizer que em nossa educação existem alguns professores que se julgam na "neutralidade", podendo ser chamados de professores sem compromisso, estão comprometidos consigo próprios e não com a mudança social. Eles não se expõem, ou seja, não "dão a cara a tapas", devendo ser chamados, portanto de "professores sem opinião". Neste sentido (FREIRE, 2002) sugere uma reflexão ao professor dizendo: "O trabalhador social tem que fazer sua opção. Ou adere á mudança que, ocorre no sentido da verdadeira humanização do homem, de ser mais, ou fica a favor da permanência".(p. 49)

Falando de outra forma, o educador possui a chance de ver-se como pessoa capaz de "transcender", ou seja, evoluir no seu trabalho por meio da experiência de outros professores e também, do aprimoramento profissional.

(PENHA, 2001) diz que "enquanto a pedra é e assim será sempre, o homem existe e a partir de então define o que deverá ser". (p. 31). Podemos perceber então que o profissional não está condenado a ser "desta" ou "daquela" forma para sempre e, que pode oscilar entre o comportamento dual de covardia ou de decisão diante dos desafios que acontecem para que assim se descubra a importância de sua fala e posicionamento profissional.

O docente deve ter uma visão crítica sobre os fatos e, não aderir ao conformismo, à mesmice, ou seja, a neutralidade personificada pelos professores. Existem educadores cujas atitudes não são convenientes à sua profissão. Estes são os que mais necessitam estar senão na frente dos conflitos sociais e existenciais, mas acompanhando-os de perto e alertando seus alunos para possíveis mudanças, bem como incitá-los a tais mudanças. Instigando-os à não imparcialidade, mas a sua totalidade enquanto ser social que "faz a diferença", que busca no diferente a forma ideal de vida, ou seja, aquele que muda o próprio interior para mudar o meio social.

CAPÍTULO II – REFLETINDO O TRABALHO DO PROFESSOR

A educação atual ainda está sendo influenciada por teorias e métodos que já foram acolhidos pela instituição escolar, assim como a escola tradicional era espelhada na atuação dos jesuítas, outras teorias que atualmente estão sendo ampliadas por alguns professores são progressistas especificadamente a pedagogia libertadora de Paulo Freire, que consiste na educação voltada para conscientização da opressão e reforça a ação transformadora. A presente análise vem mostrar que tanto a prática tradicional adotada pelos jesuítas se faz presente na sala de aula, quanto a pedagogia libertadora ambas estão em prática nos professores observados em uma escola estadual de Pontes e Lacerda.

Para o enriquecimento desse trabalho, observei professores de uma escola da rede de ensino público que nomearei respectivamente por A. e B. Tal nomeação tem como finalidade preservar a identidade e assegurar o respeito pelos profissionais.

As turmas observadas foram uma 3ª série e uma 8ª série do Ensino Fundamental, do período vespertino de uma escola estadual de 1° e 2° graus, da região central de Pontes e Lacerda.

O professor A reúne seus alunos enfileirados com a mão no ombro do colega. Ao iniciar sua aula as primeiras palavras são: "calem a boca", a ordem é de sentar-se em seus lugares sem mover as carteiras, mantendo-as enfileiradas. O silêncio é lembrado a todo momento no decorrer das aulas.

Os alunos são limitados às falas que são destinadas a eles. Outro fator é o autoritarismo por parte do professor que complica o relacionamento entre professor e aluno e não permite que cada um tenha seu espaço nos momentos adequados. (ABRAMOVICH, 1996) diz que:

> As crianças não são 'donas' das palavras (...) Em sala de aula a palavra é do professor, ao aluno cabe decorar e repetir a palavra dita. Há momentos marcados para a fala da criança na sala de aula (...) nos momentos de dispersão o professor busca o controle através de punições. (p. 74)

O professor A reprime seus alunos e obtém o desejado silêncio através de ameaças como vou chamar sua mãe para conversar sobre você e "quem não se comportar não sairá para o recreio" e as ameaças são cumpridas, não leva em consideração que alguns alunos têm seus lares pouca comida e a refeição feita na escola é de grande importância. Vivemos em um país democrático onde as pessoas são "livres", tendo o direito de ir e vir, de expressar seus sentimentos, posicionamentos e opiniões. Mas a aula desse professor não concretiza essa idéia. Ele é o dono da verdade, autoritário e, de certa forma pune seus alunos, punição esta que era adotada pelo método jesuítico, assim como a repetição de exercícios seguidos de memorização. Memorizar tem sua importância e este é um fator positivo em seu método, porém a memorização não pode ser a única atividade.

O professor A no decorrer de sua aula segue os conteúdos do livro didático á risca, ou seja, não insere explicações, associações para contribuir na qualidade e

na fundamentação dessa aula. Sendo assim esse professor é um mero repassador de informações desnecessárias, ou seja, o aluno finge que aprende e o próprio professor finge que ensina. Ao explicar essa tática o professor A demonstrava-se satisfeito com o rendimento da aula, pois esse tipo de prática é um dos caminhos mais fáceis e cômodos para ele que, deixa de realizar uma aula agradável relacionando os conteúdos ministrados com a vivência do aluno. O professor prefere ficar em silêncio e fazer seu trabalho extra classe dentro da sala de aula, como por exemplo corrigir cadernos, ausentando-se das aulas para preparar materiais para aulas posteriores, que deveria ser feito no período de hora-atividade. Tornando assim as aulas cansativas, sem novidades, desmotivando os alunos. A sala de aula constitui um ambiente desagradável, ao invés de estimular a curiosidade dos alunos para uma nova descoberta, sua aula permanece na mesmice, os alunos chateados esperam com ansiedade o momento do recreio, e a hora de ir embora.

O professor A tem o péssimo hábito de chamar a atenção, expondo o aluno ao ridículo na frente dos demais. Se os cadernos dos alunos estiverem sujos, se a letra for feia, se estiver sem o uniforme, não escuta explicações e diz para os outros alunos tomarem como exemplo para não acontecer o mesmo. (ABRAMOVICH, 1996) sobre este assunto, afirma que:

> Um caderno sujo, uma letra mal desenhada, uma fala fora de hora, um ruído qualquer que se desprendesse sem controle, uma desobediência, uma negligência, uma pesquisa momentânea, quando assim julgados pela professora, recebem algum tipo de punição. Em geral são erros ou falas grossos num tom de voz alto para que todas as crianças escutem (p. 83)

O professor A se prende a exercícios mecânicos que servem para alienar ainda mais o aluno. (FREIRE, 2000) diz que "transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: seu caráter formador" (p. 55). Ela lia para os alunos ouvir e seguir a leitura de um texto no livro didático, após a leitura os alunos receberam uma folha com um desenho e tinha que escrever uma história semelhante, que não correspondia à realidade daqueles alunos. Eles eram, de certa forma, induzidos pela leitura anterior, havendo então a separação escola x vida.

Entendemos que os professores devem considerar o contexto sócio-histórico do aluno, o ambiente onde ele vive, suas opiniões, suas experiências no ato de ensinar. Essa forma de trabalho deveria ser inserido diretamente no método de trabalho dos professores. Isso facilitará na compreensão dos conteúdos, prendendo a atenção do discentes. Assis estes, perceberiam que as aulas teriam tudo a ver com seu estilo de vida, tornando as aulas interessantes e agradáveis, refletindo assim na formação crítica dos discentes. Sobre esse aspecto (RAYS, 1995) afirma que:

> Para que haja esta unidade entre escola e vida, entre instituição e educação é preciso que o educador e o educando tenham uma postura consciente e crítica do (...) contraste entre o tipo de sociedade e de cultura que ele (educador) representa e o tipo de sociedade e cultura representado pelos alunos (...) É por essas razões que a assimilação servil do conhecimento estreita os horizontes tanto do educador como educando. (p. 87)

Já vimos anteriormente que o método de ensino da épica dos jesuítas estabelecia regras e normas bastante exigentes. Observando o método adotado pelo professor A cuja formação é graduado e especializado, constatei que o

mesmo carrega em seu discurso a idéia de que os professores devem inovar, acompanhar essa liberação que os alunos estão vivendo, mas o referido professor não pratica essa idéia, ou seja, de uma prática inovadora para agradar os outros e, atua de forma diferenciada do seu discurso. É que ela acomodou-se a uma prática tradicional desvinculada de qualquer possibilidade de mudança, não se preocupa com perfil necessário ao professor atual; está pautada em uma prática tradicional conservadora. É um professor com mais de vinte anos de carreira que carrega o molde tradicional isso não é decorrente de sua formação inicial, mas sim por não ter uma formação continuada que pode ser definida como o processo constante de se formar todos os dias, ou seja, de participar de reuniões na escola para falar do aluno A, B ou C, acompanhar os cursinhos, preparar-se para as aulas pesquisando, lendo, isso é formação continuada e infelizmente não é desenvolvido pelo professor que é meramente um "dador de aulas".

Paradoxalmente o referido professor é considerado um bom professor pela maioria dos pais que ao matricularem seus filhos preferem tê-lo como docente, em síntese uma boa parcela da sociedade parece querer um professor com os moldes mais tradicionais. Esta professora acolhe o método de práticas exigentes que excluem da aula o diálogo que segundo (SILVA, 2001) "é através da mediação do professor que o aluno dialoga com o conhecimento de modo a compreender o mundo no qual está inserido" (p.23). Dessa forma o professor nesta mediação abre caminhos para que o aluno se insira no processo do conhecimento e, infelizmente não é o que o professor A desenvolve em sua prática docente.

Possivelmente o professor desenvolva esse método de trabalho por não ter uma formação continuada em que se conciliem prática e teoria, não avança sua aula porque não procura acompanhar as discussões do momento, as

transformações vivenciadas pela sociedade, imagina o professor que formou-se há vinte anos que é ocaso desse professor e nunca mais preocupou-se em participar de cursinhos, palestras, de buscar na Internet, em inovar sua prática, ou seja, permanecerá na mesmice. Este professor não percebe que a educação está em plena mutação que uns saberes penetram e enriquecem os outros e, que não se deve pensar em uma educação pronta e acabada e sim que a educação é uma construção ao longo de nossas vidas (DELORS, 1998) tem a seguinte opinião sobre o assunto:

> Hoje em dia, ninguém pode pensar em adquirir, na juventude, uma bagagem inicial de conhecimentos que lhe baste para toda a vida, porque a evolução rápida do mundo exige uma atualização contínua dos saberes (...) (p. 90).

O professor A pensa em trabalhar como a sociedade exige, induz o aluno a ser submisso, a adaptar-se ao meio, reforça as regras e exigências estabelecidas com o objetivo de conservar esse tipo de valor. Nos momentos de desobediência ele tem a capacidade de dizer aos alunos que "vocês não podem ser assim", "você tem que escutar o que as pessoas falam, prestar atenção, obedecer, senão vai sofrer lá fora e não será alguém na vida", ao invés de incentivar o crescimento do aluno, prefere repassar as ideologias dominantes.

As situações que os alunos vivenciam na sala de aula acabam sendo condicionadas pelo professor que não dá espaço para o diálogo quando, ao contrário sua aula deveria ser algo dinâmico, com informações vindas de todos os lugares e aceitas por todos em sala, mas o professor restringe-se somente às informações cristalizadas no livro didático. O referido professor entende que uma discussão sobre assuntos surgidos na aula nem sempre é oportuna. Citemos o caso de dois alunos que tinham dúvidas sobre onde encontrar preservativos. Um dos

alunos dizia que no posto de saúde era gratuito, o outro dizia que não, que o preservativo era vendido no supermercado, assim queriam que a professora solucionasse essa dúvida e a mesma somente disse que não era o "momento adequado" e que "esse assunto não era para eles que ainda são crianças". Infelizmente os discentes continuaram com as dúvidas. Ora, se a professora se recusa a dar informações que estão ligadas à vivência dos alunos e considera isso perda de tempo, quem poderia fazer esse trabalho? Entendemos quem o professor, dentre todos, é a pessoa mais indicada.

É preciso que o professor aceite sugestões, para que possa inovar sua prática, libertando-se assim de práticas que não atendem mais às necessidades educacionais, ou seja, o método tradicional foi inserido em uma determinada época em que os sujeitos aceitavam mais facilmente imposições sem questionamentos, só que os tempos de hoje estão mudados, os sujeitos de hoje estão modificados e esperam mais da educação.

O professor tem que buscar mudanças para não cair na rotina, que torna a aula cansativa para os alunos e faz com que ele própria adere ao comodismo. Sobre essa perspectiva (EZEQUIEL, 1989) diz que

> Temos que combater ardentemente essa ideologia caso queríamos modificar a nossa forma de ser e através dela, o tipo de trabalho que exercemos juntos com nossos alunos. 'A pressa é inimiga da perfeição', diz o velho ditado e, em termos de um trabalho pedagógico inovador, acho que se aplica perfeitamente. (p. 60)

O outro professor analisado que chamaremos de professor B, é graduado com especialização em sua área, concilia prática e teoria e tem como seu guia o autor Paulo Freire.

Conforme constatamos, o docente B fez um projeto para a escola solicitando verbas e comunicando que em seu trabalho iria realizar a produção de um jornal nas dependências da escola.

Apresentou aos alunos seu projeto, aceitou modificações, sugestões e também a opção de escolha sobre a matérias a ser publicada que seria feita por parte dos alunos. Isso porque, segundo (FREIRE, 2001) "não é possível existir sem assumir o direito e o dever de optar, de decidir , de lutar". (p. 73)

O objetivo de seu trabalho era instigar a curiosidade dos alunos, relacionar a matéria em estudo com vivência dos mesmos, descobrir informações e informar neste caso à comunidade estudantil, praticar a leitura e logo após a escrita.

Ao longo das aulas observadas, verificamos que os alunos delimitaram seus temas que envolviam nossa cidade, escola fatos que o rodeiam, buscaram embasar-se em livros, revistas, entrevistas e pesquisa na Internet. Os discentes estavam entusiasmados e tendo facilidade para desenvolver o trabalho por estarem conciliando realidade e vida.

O professor B é consciente de sua presença na educação, presença esta que é notada pelos alunos e pelos outros professores. Ele demonstra ser um sujeito de opções, revelando sua capacidade de analisar, de comparar, de avaliar, de decidir, de optar, de romper, ou seja, entender a educação como forma de intervenção no mundo. Este professsor entende que o aluno não é um espaço vazio a ser preenchido com conteúdos, ele traz informações e valores que precisam ser considerados. (FREIRE, 2000) relata que "o respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola." (p. 75). O professor, em sua prática, ensina sem ofender, sem impor ao aluno um único saber como verdadeiro.

O docente em questão mantém um diálogo aberto, indagador com seus alunos todo o tempo, atende os alunos individualmente e quando a pergunta é interessante expõe para os demais. O professor é alegre, sorridente, brinca e aceita brincadeiras, elogia a atuação dos discentes, adverte quando é necessário. Durante o período em que acompanhei os trabalhos, o professor liberou os alunos para produzir textos fora da sala, recolheu os textos, apontou mehoras, colocou os alunos em contato com o computador para digitar os textos que, é um grande exercício de memorização, principalmente das palavras. Este docente é companheiro dos discentes, a relação entre ambos é ótima e facilita o papel do professor de atuar como facilitador, mediador das atividades, respeitando os limites individuais e as necessidades que cada um dos grupos apresentarem. É interessante que nessas atividades se perceba a provocação para a prática interdisciplinar e a troca de experiência, que não só traz resultados positivos para os alunos, como também para os professores.

Em seu discurso diz que busca inovações para suas aulas e cumpre o que diz. Seu trabalho é de grande valia para o crescimento intelectual dos discentes, uma vez que atingiu vários estágios, várias formas de exercícios para os alunos efetuarem.

Após o término das observações dos métodos educacionais citados, chegamos á conclusão de que é importante que o docente tenha uma formação continuada para melhor desempenhar sua prática educacional continuada. É importante também que o docente tenha uma visão clara do papel da escola . O docente b tem claro em sua prática que a educação é um espaço de emancipação, porque a educação é um lugar onde a pessoa se desenvolve como pessoa, que se aprimora enquanto cidadão crítico. Podemos afirmar isso porque o docente

estabelece diálogos, permite que os alunos falem, exponham sua idéias, emitam opiniões, reflitam sobre as opiniões emitidas. O docente não tem medo de abrir espaço para os discentes falarem porque ele está preparado para ouvir os alunos, provavelmente esse professor tem uma formação continuada, atualizando-se através de leituras, pesquisas etc.. Já o outro professor analisado não tem uma formação continuada, somente a formação iniciada em que não pratica leituras, pesquisas, não se atualiza em sua prática educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os professores escolhidos exercem práticas pedagógicas diferentes, o professor A é mais tradicional, sua aula é sem diálogo, não se relaciona com os alunos, as falas são poucas e direcionadas a um aluno, utiliza-se do método de punição para conseguir silêncio, os exercícios são mecânicos, ou seja, sua aula é sem motivação. Já o professor B brinca com seus alunos, dialogo sobre acontecimentos recentes como por exemplo os problemas governamentais, mas este professor busca o interesse do aluno por inserir-lo nas aulas, ou seja, abre espaço, respeita o conhecimento pré-constituído do aluno e ainda produz textos, leituras relacionando com vivência do aluno.

A partir da análise da prática pedagógica dos professores da rede pública de ensino ora citados, concluímos que ser professor inovador não garante êxito no processo. Embora garanta espaço democrático, liberdade para o discente falar, prazer pela escola, não garante aprendizagem. O que podemos perceber é que os alunos do professor B, assim com os do professor A, mais tradicional, também têm dificuldades para aprender. Observamos também que professores com o perfil do professor A, mais tradicional, tem uma prática que parece agradar aos pais, aos seguimentos da sociedade. Isso nos parece paradoxal porque enquanto autores

relatam sobre a exigência, a necessidade e um novo perfil de professor, a educação pautada no modelo antigo parece agradar. O modelo onde o professor mune-se de recursos didáticos como: giz, quadro, ditado, cópia parece não agradar aos alunos, embora agrade à instituição e aos pais.

Dessa forma entendemos que não há "um método" "bom" ou "ruim" em si, os métodos quaisquer que sejam têm suas vantagens e desvantagens. O professor deve agir conforme a situação, o momento que irá decidir o método, assim não podemos abandonar definitivamente a escola tradicional e nem mesmo incorporar totalmente a escola inovadora, ou seja, devemos agir conforme a necessidade existente, praticando tanto o método inovador quanto o método tradicional para que a aula se torne agradável e aproveitável, ou seja, nos momentos de desordem, de avaliar, haja com o método tradicional, mas no momento de ensinar busque, pesquise para poder inovar sua aula, assim conseguiremos êxito em nossa educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*; nota sobre aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 2. Ed. Rio de Janeiro, Graal, 1985.

ARANHA., Maria Lúcia de Arruda. *Filosofia da Educação.* 2 ed. São Paulo, Moderna, 2002.

BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução*; elementos para uma teoria do sistema de ensino. Trad. C. Perdigão Gomes da Silva, Veja, s.d. (Universidade, 1); São Paulo, Francisco Alves, 1975.

DURKHEIM, Émile. *Educação e sociologia.* 6 ed. Trad. Lourenço Filho. São Paulo, Melhoramentos, 1965.

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança.* 26 ed. São Paulo, Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.* 23 ed., São Paulo, Paz e Terra, 2002.

GADOTTI, Moacir. *Concepção Dialética da educação: um estudo introdutório.* 2 ed. São Paulo, Cortez, 1983 (Educação Contemporânea)

GADOTTI, M. e outros. *Pedagogia: diálogo e conflito.* São Paulo, Cortez, 1985 (Educação Contemporânea).

HEIDEGGER, Martins. *Os pensadores.* São Paulo, Heidegger Brasiliense, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos.* São Paulo, Loyola, 1985 (Educação 1).

MELLO, Guiomar Namo de. *Cidadania e competitividade.* 2 ed. São Paulo, Cortez, 1994.

_____. *Educação*: paixão, pensamento e prática. São Paulo, Cortez, 1986.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Ensino:* as abordagens do processo. São Paulo, EPU, 1986.

PENHA, João da. *O que é existencialismo.* São Paulo: Brasiliense, 2001.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia;* teorias da educação: curvatura da vara; onze teses sobre educação e política. 3 ed. São Paulo, Cortez, 1984 (Polêmicas do Nosso Tempo).

SNYDERS, Georges. *Alunos felizes:* reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993.